



CANAIS POSSIBILITARAM UMA NOVA CIDADE

Além de proporcionar uma resposta sanitária para as epidemias fatais que atingiam Santos, a obra de construção dos canais, cuja inauguração completa 110 anos hoje, também preparou a expansão da Cidade. Os canais de drenagem – projeto pioneiro do sanitarista Saturnino de Brito – foram o embrião do nascimento da ocupação do que hoje é a Zona Leste do Município.

A-4

ROGÉRIO SOARES



Projeto de saneamento de Saturnino de Brito, que completa 110 anos hoje, foi vetor da expansão santista

GUSTAVO T. DE MIRANDA
DA REDAÇÃO

Por muito tempo, convencionou-se falar que a importância da obra de construção dos canais de Santos, cuja inauguração completa 110 anos hoje, foi ter estabelecido uma resposta sanitária para as epidemias fatais que atingiam o Município.

Aos poucos, pesquisadores identificam novos atributos ao pioneiro projeto do sanitarista Saturnino de Brito. Para eles, a obra dos canais foi responsável, por exemplo, por preparar a expansão de Santos.

Na opinião do arquiteto e urbanista José Marques Carriço, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos, da Universidade Católica de Santos (UniSantos), os canais de drenagem de Saturnino foram o embrião do nascimento da ocupação do que hoje é a Zona Leste da Cidade.

Em 1907, foi inaugurado o Canal 1; mas as obras dos nove canais originalmente planejados pelo engenheiro sanitarista seguiram até 1927.

“Se você pega plantas de 1910, elas mostram algum destaque para o Macuco. Seis anos depois, estão consolidados bairros como a Vila Belmiro, a Vila Mathias e o Gonzaga já completamente loteados”, diz Carriço.

SEPARAÇÃO

Hoje, parece óbvio pensar que a água da chuva não pode ser colocada no mesmo lugar que o esgoto. No final do século 19, não era. A implantação desse raciocínio foi um dos pioneirismos de Saturnino de Brito.

“Até então, todo mundo misturava água de esgoto com água de drenagem. O esgoto das casas era interligado na galeria, que era a mesma galeria que pegava os rios que foram aterrados. O mérito do Saturnino foi preparar a Cidade para a



Canal de desenvolvimento

expansão. Foi ele que fez Santos seguir pela Zona Leste até chegar na orla”, define Carriço. Os canais servem para receber as águas da chuva e a lavagem do quintal. O sistema de Saturnino se baseava na separação entre o esgoto e a drenagem. Além da inovação dos canais, o sanitarista também foi revolucionário por ser o primeiro a implantar no Brasil a divisão por distritos e as estações elevatórias para a coleta de esgoto, quando era chefe da Comissão de Saneamento.

A cada intervalo, determinou a construção de subestações em que se elevava o nível do esgoto. A estação elevatória tinha duas bombas dentro, uma de reserva e outra principal, que sugava o esgoto, levantava e ele voltava a cair com mais força até despachar o material para a estação de pré-condicionamento.

NOVA CIDADE

Os canais de Saturnino criaram uma maneira para concretizar o escoamento das águas,

aproveitando a energia natural das marés. Alguns córregos foram retificados com a construção dos canais.

“O sistema de drenagem foi responsável por terminar com os alagadiços, que passaram a ser drenados pelos canais. Com isso, a Cidade se expandiu em terreno seco até a orla, possibilitando o loteamento e a valorização dessas áreas”, diz o arquiteto.

Esse foi um tema sensível na época. “A grande briga do Saturnino foi por causa das des-

propriações. As glebas não eram parceladas. Com a implantação do plano dele, elas aumentaram de valor e os proprietários de terra não queriam perder, queriam transformar em lotes a maior área possível”, argumenta Carriço.

Além do plano sanitário, Saturnino desenvolveu um plano urbanístico, que previa a abertura de vias, recuos e vielas sanitárias (leia ao lado).

O Estado não tinha dinheiro para desapropriar tudo e o sanitarista chegou a propor a cria-

ção de uma legislação que partisse do princípio de que o proprietário seria beneficiado pela obra e, por isso, seria obrigado a doar parte dos terrenos.

“Aí começou o embate com o Município e loteadores. Isso foi muito irônico, porque os terrenos não valiam nada. Era tudo alagado. A Cidade era toda cheia de rios de meandro. Foi o plano de saneamento que secou esses terrenos. Depois que valorizou, eles perceberam que poderiam ganhar dinheiro”.

PROJETO ORIGINAL DO SANITARISTA

Números diferentes
Na planta de Saturnino, um canal tem numeração diferente. O sete, por exemplo, não era previsto na Ponta da Praia. Era o canal da Rua Francisco Manoel, no Jabaquara

Área não prevista
Os planos de Saturnino de Brito não previam a expansão de Santos na direção dos Morros e da Zona Noroeste

Área verde
O plano urbanístico de Saturnino de Brito para Santos previa a criação de avenidas parques. A Marechal Deodoro seria a Avenida Municipal e iria até o Morro do Marapé. A Francisco Glicério seria a Avenida do Saneamento e a Afonso Pena, a Avenida da Barra. Elas seriam totalmente voltadas para o plantio de árvores

Resistentes
O próprio plano do Saturnino de Brito reservava um parque verde onde anos mais tarde (1945) foi criado o Orquidário Municipal. O Jardim da orla nasceu, como ideia, em 1914, idealizado pelo engenheiro

Alagadiça
A cidade era toda cheia de rios de meandro, a água corria lentamente. A Zona Leste era muito encharcada. Foi o plano de saneamento que secou esses terrenos. E, conseqüentemente, abriu a possibilidade de ocupar a região

Mapa de Santos, no projeto original de Saturnino de Brito para os canais. O plano do sanitarista é de 1907, mas a construção se estendeu por 20 anos.

ARTE MONICA SOBRAL SOBRE IMAGEM EXTRAÍDA DO ACERVO DA BIBLIOTECA NACIONAL

Saturnino pensava em urbanismo

Na planta do projeto urbanístico nunca realizado de Saturnino de Brito, é possível ver que o engenheiro tinha uma concepção de beleza para a Cidade. “Ele planejava avenidas-parque. Elas seriam onde hoje é a Francisco Glicério, a Afonso Pena e a Marechal Deodoro”, explica Carriço.

Segundo o arquiteto, é a mesma tendência de embelezamento encontrada em cidades como Washington (EUA), Paris (França), Viena (Áustria) e Madrid (Espanha). “A ideia era criar grandes perspectivas. Não era uma concepção puramente técnica”, acrescenta.

A proposta, no entanto, não vingou, porque reduzia o aproveitamento das glebas. “Imagine uma avenida Marechal Deodoro, que saía do Marapé até o Gonzaga, toda verde. Ou um parque no sopé do Morro do Marapé até o Canal 1. O plano de Saturnino reduzia demais o aproveitamento das glebas e, por isso, foi barrado na Câmara”, explica o arquiteto.

VISIONÁRIO

Tantos anos passados, é possível notar que Saturnino pensou o sistema como um todo.

“Ele não se limitou a pensar apenas no processo da macrodrenagem e esgoto. Ele chegou a detalhar as peças hidráulicas da residência. Tem um modelo de sifão projetado por ele para separar o que é sólido do líquido. Ele projetou dentro das casas, desde o micro ao macro”.